William Faulkner

A CIDADE

tradução de
Ana Maria Chaves

LIVROS DO BRASIL

CHARLES MALLISON

Eu ainda não tinha nascido e por isso era o primo Gowan que lá estava e já com idade suficiente para ver, para guardar na memória e para me contar mais tarde quando eu já tivesse idade suficiente para entender. Quer dizer, era o primo Gowan mais o tio Gavin ou talvez o tio Gavin mais o primo Gowan. Ele — o primo Gowan — tinha treze anos. O avô dele era irmão do meu avô, e assim, quando chegou a nossa vez, eu e ele não sabíamos em que grau éramos primos. Por isso ele tratava-nos a todos por «primo» exceto ao meu avô e todos nós exceto o meu avô o tratávamos por «primo» e assunto encerrado.

Eles viviam em Washington, onde o pai trabalhava para o Departamento de Estado, e de repente o Departamento de Estado mandou o pai para a China ou para a Índia ou outra terra distante, para lá passar dois anos; e a mãe também foi, e por isso eles mandaram o Gowan para nossa casa para passar a ir à escola de Jefferson até eles voltarem. Nessa altura, «nós» era o meu avô, a minha mãe, o meu pai e o tio Gavin. Isto era o que o Gowan sabia até eu ter nascido e crescido o suficiente para também saber. Por isso, quando digo «nós» e «nós pensávamos» o que eu quero dizer é Jefferson e o que Jefferson pensava.

A princípio pensávamos que o depósito de água era apenas o monumento ao Flem Snopes. Por aqui se vê como éramos ignorantes. Só depois percebemos que aquele objeto que se erguia no céu um pouco acima de Jefferson, Mississípi, não era monumento nenhum. Era uma pegada.

Num belo dia de verão, ele entrou na cidade pela estrada de sudeste numa carroça puxada por uma parrelha de muares onde trazia a mulher, o bebé e meia dúzia de tarecos. No dia seguinte estava atrás do balcão de um restaurante manhoso que pertencia ao V. K. Ratliff. Quer dizer, ao

Ratliff e ao sócio, pois ele — o Ratliff — tinha de passar a maior parte do tempo na carroça (isto antes de comprar o *Ford Modelo T*) a percorrer o condado para fazer demonstrações da máquina de costura de que era agente. Quer dizer, nós julgávamos que o Ratliff continuava a ser o outro sócio até vermos aquele desconhecido de avental sebento atrás do balcão — um homem atarracado e pouco comunicativo de laço minúsculo ao pescoço, bem aprumado, olhos mortiços e um nariz adunco inopinado que mais parecia o bico de um falcão enfezado; uma semana depois o Snopes tinha montado uma tenda atrás do restaurante e lá se instalou com a mulher e o bebé. E foi nessa altura que o Ratliff disse ao tio Gavin:

«É só dar-lhe tempo. Dê-lhe seis meses e ele põe também o Grover Cleveland (o Grover Cleveland Winbush era o outro sócio) fora daquele café.»

Este era o primeiro verão, o primeiro verão dos Snopes, como o tio Gavin lhe chamava. Ele estava agora em Harvard a fazer o mestrado e depois havia de ir estudar Direito para a Universidade do Mississípi para se preparar para ser sócio do meu avô. Mas já estava a aproveitar as férias para ajudar o meu avô na tarefa de procurador da cidade; como ele ainda mal tinha visto a Senhora Snopes, não só não sabia que iria para a Universidade de Heidelberg, na Alemanha, como também nem sequer sabia se iria querer ir: só falava em ir para lá um dia como uma bela ideia para se ter em mente ou para se debater.

Ele e o Ratliff conversavam muito. Porque embora o Ratliff nunca tivesse andado muito tempo na escola em lado nenhum e passasse o tempo a vender máquinas de costura por todo o condado (ou a vender, trocar ou permutar quaisquer outras coisas), ele e o tio Gavin interessavam-se ambos pelas pessoas — pelo menos era o que o tio Gavin dizia. Porque o que eu sempre achei que lhes interessava era a curiosidade. Quer dizer, até agora. Porque desta vez a coisa já tinha ido muito para além da curiosidade. Desta vez era medo.

Foi ao Ratliff que ele ouviu falar no Snopes pela primeira vez. Ou melhor, nos Snopes. Não, errado: tinha havido um Snopes no regimento de cavalaria do coronel Sartoris em 1861, naquele destacamento cuja missão

tinha sido fazer incursões nos postos avançados dos ianques para roubar cavalos. Só que dessa vez foi apanhado num posto avançado dos confederados — aquele Snopes — a roubar os cavalos dos confederados e, segundo consta, foi enforcado. O que, evidentemente, também estava errado, pois (como o Ratliff disse ao tio Gavin) há cerca de dez anos o Flem e um velho que parecia ser seu pai apareceram um dia de repente, vindos do nada, e arrendaram um pequena quinta ao Senhor Will Varner, que era proprietário de quase toda a região denominada Frenchman's Bend, a cerca de trinta quilômetros de Jefferson. A quinta era tão pequena e miserável, e com a terra já tão exaurida, que só os pequenos fazendeiros, os mais pobres, se atreviam a pegar-lhe, e mesmo esses só lá ficavam um ano. No entanto, o Ab e o Flem arrendaram-na e, evidentemente (isto é o Ratliff a falar), ele e o Flem, ou ambos, encontraram aquilo juntos...

«Encontraram o quê?», perguntou o tio Gavin.

«Não sei», disse o Ratliff. «O que quer que o tio Billy e o Jody lá tivessem enterrado a pensar que tava em lugar seguro.» Porque nesse inverno o Flem era o caixeiro da loja do tio Billy. E o que eles encontraram naquela quinta deve ter sido bom, ou talvez já nem precisassem mais disso; talvez o Flem tivesse encontrado outra coisa que os Varners julgassem que estava escondida e em segurança debaixo do balcão da loja. Porque daí a um ano o velho Ab tinha-se mudado para Frenchman's Bend para ir viver com o filho e aparecera um outro Snopes vindo do nada para se instalar na quinta arrendada; e passados dois anos um outro Snopes era o ferreiro principal da forja do Senhor Varner. Por isso havia tantos Snopes como Varners em Frenchman's Bend; e passados mais cinco anos, ou seja, no ano em que o Flem se mudou para Jefferson, até havia mais Snopes do que Varners porque uma Varner tinha casado com um Snopes e estava a amamentar uma Snopes pequenina.

Porque o que o Flem encontrou dessa última vez estava dentro da casa do tio Billy. Era a sua única filha, e a mais nova de toda a prole, e era não só a rapariga mais bonita da terra, mas de toda a região. E também não foi só por causa das terras e do dinheiro do velho Will. Porque eu também a vi e sei do que estou a falar, mesmo sendo ela já uma mulher de certa idade,

casada e com uma filha mais velha do que eu, e tendo eu apenas onze, doze e treze anos. («Ah sim», disse o tio Gavin. «Mesmo só com doze anos, não penses que és o primeiro homem a roer-se de ciúmes por uma mulher como ela.») Não que ela fosse extraordinariamente imponente e heroica, uma Junesca, como diz o outro. O que acontecia era só que ela tinha demasiado de tudo o que um invólucro humano feminino pode conter, e manter: demasiada brancura, demasiada feminilidade, demasiada glória, talvez, não sei; de tal maneira que a primeira vez que a víamos sentíamos cá dentro uma espécie de explosão de gratidão só por estarmos vivos e sermos machos e partilharmos com ela aquele mesmo instante no espaço e no tempo, e também, após uma espécie de assomo de desespero, os instantes seguintes para todo o sempre, porque sabíamos que nunca iria existir macho que se lhe pudesse comparar, que a pudesse conquistar e merecer; e amargura para todo o sempre porque para todo o sempre ninguém que lhe ficasse aquém seria aceitável.

Foi isso que ele encontrou desta vez. Um dia, segundo o Ratliff, toda a região de Frenchman's Bend ficou a saber que o Flem Snopes e a Eula Varner tinham passado a fronteira de carro na noite anterior para o Estado vizinho, comprado uma licença e casado; no mesmo dia, ainda segundo o Ratliff, Frenchman's Bend ficou também a saber que três rapazes, três antigos pretendentes da Eula, tinham partido também pela calada da noite e sem aviso para o Texas, era o que se dizia — pelo menos, para oeste —, para algures a oeste, suficientemente longe para o tio Billy ou o Jody Varner não poderem alcançá-los caso tivessem precisado de o fazer. E depois, passado um mês, o Flem e a Eula também partiram para o Texas (o eldorado do nosso tempo, como dizia o tio Gavin, dos perseguidos, dos insolventes ou dos meramente esperançados), para regressarem no verão seguinte com uma menina um bocadinho maior do que seria de esperar para apenas três meses de idade...

«E os cavalos», disse o tio Gavin. Porque isso nós sabíamos, sobretudo porque o Flem Snopes não tinha sido o primeiro a importá-los. Todos os anos, ou quase todos, alguém entrava no condado com uma arreata de cavalos selvagens ainda por domar, trazidos das planícies do Oeste, para

serem leiloados. Desta vez os cavalos, conduzidos por um homem que era obviamente do Texas, chegaram ao mesmo tempo que o casal Snopes regressava a casa vindo desse mesmo Estado. No entanto, esta arreata parecia invulgarmente selvagem, pois ao dispersarem, os animais, indomados e indomáveis, de pelagem malhada, ocuparam não apenas a área de Frenchman's Bend mas também toda a metade oriental do condado. No entanto, mesmo até ao último momento ninguém tinha realmente percebido que o dono dos cavalos era o Snopes. «Não, não», disse o tio Gavin. «Você não foi um dos três que fugiram do cheiro da caçadeira do Will Varnier. E não me venha dizer que o Flem Snopes lhe deu um daqueles cavalos em troca da sua metade daquele restaurante, porque eu não vou acreditar. O que é que foi?»

O Ratliff estava ali sentado, impassível, rosto moreno bem barbeado, camisa azul impecável, sem gravata, olhos astutos, inteligentes e gentis, sem se focarem diretamente no tio Gavin. «Foi aquela casa velha», disse ele. O tio Gavin ficou à espera. «A casa do Velho Francês.» O tio Gavin continuou à espera. «O dinheiro enterrado.» Então o tio Gavin percebeu: não havia em todo o Mississípi ou mesmo em todo o Sul nenhuma antiga casa de fazenda anterior à Guerra Civil que não tivesse a sua lenda de dinheiro e pratas enterrados no jardim, a salvo das pilhagens dos ianques — neste caso particular, a mansão em ruínas que outrora havia dominado toda a região conhecida como Frenchman's Bend e lhe tinha dado o nome, e que estava agora na posse dos Varniers. «Tudo por culpa do Henry Armstid, para se vingar do Flem por causa daquele cavalo que o home do Texas lhe vendeu e depois lhe partiu a perna. Não», disse o Ratliff, «tamém foi culpa minha, como dos demais, como de qualquer um de nós. Queríamos descobrir o que o Flem pretendia ao tornar-se proprietário daquela casa velha que qualquer pessoa podia ver que não valia nada. E não me estou a referir a porque é que o Flem a comprou. Estou a referir-me a porque é que ele ficou com ela quando o tio Billy lha deu, a ele e à Eula, como presente de casamento. Por isso quando o Henry começou a perseguir o Flem e a vigiá-lo e por fim o apanhou naquela noite a cavar lá no quintal, acho que o Henry não teve de insistir

muito para me convencer a voltarmos lá os dois na noite seguinte para eu próprio ver o Flem a cavar.»

«Por isso quando por fim o Flem desistiu de cavar e se foi embora, você e o Henry saíram dos arbustos e puseram-se também a cavar», disse o tio Gavin. «E encontraram. Uma parte. O suficiente. Mesmo à justa para mal poderem esperar que amanhecesse para você ir trocar com o Flem Snopes a sua metade do restaurante pela sua metade da casa do Velho Francês. Por mais quanto tempo é que você e o Henry continuaram a cavar até desistirem?»

«Eu desisti ao fim da segunda noite», respondeu o Ratliff. «E foi só nessa altura que finalmente me lembrei de olhar para o dinheiro.»

«Muito bem», disse o tio Gavin. «O dinheiro.»

«Foram dólares de prata que eu e o Henry desenterrámos. Alguns já muito antigos. Um dos do Henry tinha sido cunhado quase há trinta anos.»

«Uma falsa mina de ouro», disse o tio Gavin. «Um dos truques mais velhos do mundo, e você caiu que nem um pato. Não o Henry Armstid: você.»

«Sim», concordou o Ratliff. «Quase tão velho como aquele lenço que a Eula Varner deixou cair. Quase tão velho como a caçadeira do tio Billy Varner.» Foi o que ele afirmou na altura. Porque já tinha passado mais um ano quando ele se abeirou do tio Gavin no meio da rua e disse: «Com licença do tribunal, advogado, gostava de fazer uma retificação. Quero mudar o tempo do verbo.»

«Mudar o tempo do verbo? Que verbo?», perguntou o tio Gavin.

«O ano passado eu disse: “Aquele lenço que a Menina Flem Snopes deixou cair.” E agora quero mudar aquele *deixou* para *continua a deixar*. Há um home que eu sei que inda anda atrás dele.»

Porque no espaço de seis meses o Snopes tinha não só eliminado o sócio do restaurante, como o próprio Snopes também já lá não estava, substituído atrás do balcão sebento e também na tenda por outro Snopes arregimentado em Frenchman's Bend para vir preencher o lugar vazio deixado pelo avanço do primeiro graças ao mesmo processo de osmose pelo qual, segundo o Ratliff, eles tinham ocupado Frenchman's Bend,

sem quebrar a cadeia, subindo cada Snopes vindo de Frenchman's Bend um degrau e deixando o anterior para o próximo Snopes que havia de aparecer vindo do nada para o ocupar, o que sem dúvida ele já tinha feito, embora o Ratliff ainda não tivesse tido tempo para ir lá comprovar.

E agora o Flem e a mulher viviam numa pequena casa alugada numa ruela da periferia da cidade, e o Flem era agora superintendente da central elétrica que fornecia água e energia elétrica à cidade. A nossa indignação era principalmente choque; choque não por o Flem ter conseguido o emprego, pois ainda não tínhamos chegado a esse ponto, mas choque por não termos sabido até agora que o emprego existia, que havia em Jefferson o lugar de superintendente de uma central elétrica. Porque a central — as caldeiras e as máquinas que faziam funcionar a bomba e o dínamo — era gerida por um antigo mecânico chamado Harker, ex-responsável por uma serração, e os dínamos e os cabos elétricos que se espalhavam por toda a cidade estavam entregues aos cuidados de um eletricista contratado pelo município, uma solução que se mostrara plenamente satisfatória desde que a água corrente e a eletricidade se tinham incorporado na vida de Jefferson. Mas de repente, e sem aviso, necessitávamos de um superintendente. E também repentina e simultaneamente, e sem aviso prévio, descobrimos que era um labrego, que há dois anos ainda não vivia na cidade e que provavelmente (supúnhamos nós) nunca tinha visto luz elétrica na vida até àquela primeira noite, já lá vão dois anos, quando entrara em Jefferson de carroça, que estava a ocupar esse lugar.

Foi essa a única surpresa. Não que o labrego fosse o Flem Snopes. Porque nessa altura já todos tínhamos visto a Senhora Snopes. E as poucas vezes que a víamos era geralmente no restaurante, atrás do balcão, também com um avental sebento, a fritar hambúrgueres, ovos com presunto e bifés duros que nem sola no fogareiro de petróleo incrustado de gordura, ou talvez uma vez por semana na praça, sempre sozinha e, tanto quanto sabíamos, sem ir a lado nenhum, só a andar por ali envolta naquela aura de decoro, modéstia e solidão que é dez vezes mais imodesta e cem vezes mais perturbadora do que um daqueles fatos de banho que as raparigas começaram a usar por volta de 1920, como se no segundo imediatamente anterior

a olharmos a roupa tivesse conseguido, em desenfreada correria, alcançá-la e cobri-la. Mas só por um instante, porque no instante seguinte, se a seguissemos por tempo suficiente, a roupa iria esmorecer e cair, ao ritmo daquele passo afoito, tão simples e tão natural, que a fazia em farrapos como a roda de uma constelação a desfazer um castelo de nuvens.

E conhecíamos ainda há mais tempo o major De Spain, o presidente da Câmara Municipal. Jefferson, Mississípi — e já agora todo o Sul — estavam ainda nessa época cheios de homens com títulos como general, coronel ou major porque o pai ou o avô tinham sido generais, coronéis ou maiores ou talvez apenas simples soldados das forças confederadas, ou haviam contribuído para os fundos de campanha de importantes governadores de Estados. Mas o pai do major De Spain tinha sido de facto major da cavalaria confederada, e o próprio De Spain havia sido um cadete de West Point enviado para Cuba com as tropas como segundo-tenente, de onde tinha regressado com um ferimento — uma longa cicatriz que partia do cabelo, passava pela orelha e descia até ao maxilar, e que bem poderia ter sido feita pelo sabre ou pela vareta de uma espingarda com que naturalmente pensávamos que algum espanhol o tivesse ferido, ou pelo machado brandido por algum sargento numa partida de dados, como por tática política os seus adversários propalaram durante a campanha eleitoral para as autárquicas.

Porque não havia ainda muito tempo que ele tinha voltado para casa e despido o uniforme azul do exército ianque quando se apercebeu de que ele e Jefferson eram incorrigível e irredutivelmente incompatíveis, pelo que um deles teria de ceder e não seria ele: ele não fugiria de Jefferson nem tentaria mudar de personalidade para se adaptar a Jefferson, mas tentaria, pelo contrário, impor-se a Jefferson até a cidade se adaptar a ele, o que — como os mais jovens esperavam — faria com sucesso.

Até essa altura Jefferson era como todas as outras pequenas cidades sulistas: nada por lá acontecera desde que o último politiqueiro ianque oportunista tinha desistido e voltado para o Norte ou sido assimilado e transformado em mais um mississipiano impenitente. Nós tínhamos, como é de tradição, o presidente da Câmara e o Conselho Municipal cujos membros pareciam aos olhos da nova geração estar em funções desde os

tempos de Noé ou, pelo menos, desde que o último índio dos Chickasaws tinha partido para o Oklahoma, em 1820, tão velhos então como agora, ou nem mais velhos nem mais novos: o velho Senhor Adams, o presidente da Câmara de longas barbas brancas patriarcais, que provavelmente parecia aos olhos de jovens como o primo Gowan tão velho como o próprio Deus, podendo ter sido ele até o primeiro homem; o tio Gavin dizia que não eram só os jovens de doze e treze anos como o primo Gowan que pronunciavam o seu nome sem o último «s» e se referiam à sua anafada mulher como «Menina Eve Adam», estando a gorda e velha Eve há muito a salvo do perigo de incitar alguma serpente ou o que quer que fosse a tentá-la.

Por isso nós procurávamos imaginar exatamente que machado iria usar o tenente De Spain para cortar as arestas a Jefferson e pô-la à sua medida. E um dia ele encontrou-o. O eletricista municipal (que mantinha em funcionamento os geradores, os dínamos e os transformadores da cidade) era um génio. Uma tarde, em 1904, ei-lo a sair para a rua pelo portão das traseiras ao volante do primeiro automóvel que nós alguma vez tínhamos visto, todo ele construído manualmente, motor e tudo, da bobina do electroímã à biela, entrando com ele pela praça dentro no preciso momento em que o landau puxado por dois puros-sangues do banqueiro coronel Sartoris a atravessava de regresso a casa. Apesar de o coronel Sartoris e o cocheiro terem saído incólumes e os cavalos, quando os apanharam, não terem nem um arranhão, e de o eletricista se ter oferecido para reparar o landau (constava que desta vez ele até se tinha oferecido para lhe instalar um motor a gasolina), o coronel Sartoris marcou presença na reunião seguinte do Conselho dos Anciãos, quer dizer, Municipal, que aprovou um decreto a proibir todo e qualquer veículo movido a gasolina de circular daí em diante nas ruas de Jefferson.

Era a oportunidade por que o De Spain esperava. E não só ele. Era a oportunidade por que esperava toda aquela jovem geração contemporânea, não só em Jefferson mas em toda a parte, que tinha visto naquela pequena caleche de fabrico caseiro, autopropulsionada, ruidosa e fedorenta, que o Senhor Buffaloe (o eletricista) havia construído com peças soltas no quintal nas horas vagas, não apenas um fenómeno mas um augúrio, uma

promessa do destino que seria o dos Estados Unidos. Ele — De Spain — não teve sequer de fazer campanha para ser eleito presidente da Câmara: só precisou de se candidatar. E os velhos patriarcas da cidade, entrincheirados nos seus cargos, também se deram conta disso, razão pela qual recorreram em desespero ao expediente de inventarem, desenterrarem ou reeditarem (fosse o que fosse) a história do jogo de dados em Cuba e do machado do sargento. E o De Spain resolveu isso de uma vez por todas e não apenas como político; nem o próprio César o teria feito com mais limpeza.

Foi numa manhã à hora da chegada do correio. O presidente Adams e o Theron, o filho mais novo, que era mais novo do que o De Spain e pouco maior do que ele, apenas mais alto, vinham a sair dos correios quando o De Spain os encontrou. Isto é, ele já lá estava, com uma pequena multidão a assistir, já a passar o dedo pela cicatriz, quando o Senhor Adams o viu. «Bom dia, senhor presidente. Que história é essa de um jogo de dados com um machado pelo meio?»

«Isso é o que os eleitores da cidade de Jefferson gostariam de saber», disse o Senhor Adams. «Se tiver alguma prova em contrário mais perto do que Cuba, aconselhá-lo-ia a apresentá-la.»

«Sei de um processo ainda mais rápido», disse o De Spain. «Vossa Excelência está velho de mais para isso, mas o Theron já está um rapagão. É só deixar-nos ir à loja do McCaslin buscar dois machados e descobriremos num ápice se tem razão.»

«Calma, tenente», disse o Theron.

«Muito bem», afirmou o De Spain. «Eu pago os dois machados.»

«Meus senhores», disse o Theron. E foi tudo. Em junho, o De Spain foi eleito presidente da Câmara. Uma vitória esmagadora, uma onda de apoio popular, porque era mais do que justo ele ter vencido, sido eleito. A nova era estava a chegar a Jefferson e ele era simplesmente o seu herói, o seu Godofredo de Bulhão, o seu Tancredo, o Ricardo Coração de Leão da Jefferson do século xx.

E que bem que o manto lhe assentava. Mas não era um manto: era uma faixa, uma bandeira, e era ele que a empunhava, já na linha da frente, mesmo antes de Jefferson saber que estávamos prontos para ela. Nomeou

o Senhor Buffaloe eletricitista municipal, com um salário mensal, mas o seu primeiro ato oficial visou o decreto do coronel Sartoris contra os automóveis. Naturalmente que nós pensávamos que ele e os seus novos conselheiros o iriam revogar por nenhuma outra razão a não ser um velho retrógrado como o coronel Sartoris ter dito a um outro velho retrógrado como o major Adams para o aprovar, o que este último velho retrógrado tinha feito. Mas não foi isso que aconteceu. Como já disse, foi uma onda popular que o elegeu; foi como se aquela cena do machado com o presidente Adams e o Theron naquela manhã à porta dos correios tivesse aberto os olhos a todos os jovens de Jefferson. Quer dizer, àqueles que ainda não eram donos de lojas ou bares, médicos ou advogados, mas simples caixeiros e guarda-livros dessas lojas, bares e consultórios, tentando amealhar o suficiente para se casarem, e que se empenharam com afinco para elegerem o De Spain. E não se ficaram por aí; fizeram mais: sem se darem conta, sem que fosse essa a sua intenção, tinham desalojado os velhos conselheiros entrincheirados nos seus cargos, passando eles mesmos a ocupar o lugar de patriarcas da cidade, agarrados ao Manfred de Spain, ou melhor, ao seu machado. A primeira coisa que teríamos pensado que fariam seria deitar ao lixo de uma vez por todas aquele decreto contra os automóveis. Mas não, mandaram-no copiar à mão para um pergaminho, como se fosse um diploma ou uma citação, e penduraram-no na parede, numa vitrina iluminada no átrio do tribunal, onde não tardaram a começar a chegar pessoas vindas de automóvel de locais tão distantes como Chicago, só para verem o decreto e rirem a bom rir. Porque o tio Gavin dizia que este ainda era aquele tempo lendário e fabuloso em que ainda não havia qualquer paradoxo entre um automóvel e a felicidade, um tempo anterior àquele em que cada americano tinha de ter um automóvel e os automóveis passaram a matar mais gente do que as guerras.

Ele — o De Spain — até fez mais do que isso. Ele próprio tinha trazido para a cidade o primeiro automóvel a sério — um *EMF* vermelho descapotável — e a seguir vendeu os cavalos de aluguer que havia herdado do pai, desmantelou todas as baias, manjedouras e selarias, abriu a primeira garagem e concessionária de automóveis de Jefferson, e agora todos

os seus vereadores e todos os outros jovens a quem nenhum dos bancos emprestaria um cêntimo para comprarem um veículo a motor, por mais solventes que fossem, também poderiam tê-los. Sim, senhor, a era a motor tinha chegado a Jefferson com o De Spain aos comandos naquele desca-potável vermelho, aquele veículo exótico e jovial, tão irreversível e irrevogavelmente polígamo e celibatário como o próprio De Spain, que assim permaneceria para sempre, vivendo sozinho na grande casa de madeira do falecido pai com uma cozinheira e um criado de casaco branco; era a estrela do baile anual e o primeiro na lista do baile de debutantes: se o *café society* — não estou a falar de listas de gente importante como o *Social Register* ou *The Four Hundred*, de McAllister, mas do Café Society, como em Nova Iorque — já tivesse sido inventado e alguma da sua influência houvesse chegado a Jefferson, ele seria o primeiro da lista; se não tivesse nascido uma geração antes de tempo, teria sido ordenado por aclamação sumo sacerdote do novo culto religioso nacional das fotografias de *pin-ups*, que elevou as Harlows, as Grables e as Monroes, embora ainda bem vivas, à categoria de querubins da América.

Por isso, a primeira vez que vimos a Senhora Snopes a passear na praça dando aquela impressão aterradora de que a qualquer momento a sua carne incendiaria a roupa que a cobria não deixando sequer um véu diáfano de cinzas entre ela e a luz do dia, pareceu-nos estar a olhar para o Destino, um destino de que tanto ela como o presidente De Spain eram vítimas. Não sabíamos quando se tinham encontrado, quando haviam pousado os olhos um no outro pela primeira vez. Nem precisávamos. E, de certa forma, nem queríamos. Supúnhamos, é claro, que à noite ele a metia em casa à socapa por algum método ou processo sub-reptício, mas não tínhamos a certeza. Com outros que não eles, alguns de nós — um ou dois miúdos, ou rapazes mais velhos — ter-se-iam posto à coca para descobrir a verdade. Mas não com ele. Bem pelo contrário, nós estávamos do seu lado e não queríamos saber do resto. Éramos seus aliados, seus confederados; toda a cidade era cúmplice daqueles cornos — aqueles cornos que, com base nas provas de que dispúnhamos, tinham sido inteiramente inventados por nós; os mesmos cornos que nos vinham à cabeça quando víamos o De Spain e o

Snopes a passearem amigavelmente lado a lado enquanto (embora ainda não o soubéssemos) o De Spain estava a preparar, a planear, como criar aquele lugar de superintendente da central elétrica que nós nem sequer sabíamos que não existia, quanto mais que precisávamos dele, para depois lá colocar o Senhor Snopes. Não que tivéssemos alguma coisa contra o Senhor Snopes, pois ainda não tínhamos lido os sinais e os portentos que nos deveriam ter avisado, alertado, lançado em frenético conluio para defendermos a nossa cidade de tal homem. Tão-pouco éramos propriamente a favor do adultério, do pecado; éramos apenas a favor do De Spain e da Eula Snopes em nome daquilo a que o tio Gavin chamava a divindade da inadulterada, desinibida e imortal luxúria, que eles representavam; em nome das duas pessoas em cada uma das quais a outra tinha encontrado o único destino que lhe estava reservado, tendo cada uma delas encontrado no mundo inteiro a forma para o seu pé, e tínhamos orgulho em que Jefferson fosse o seu campo de batalha.

Até o tio Gavin; também o tio Gavin, que disse ao Ratliff: «Esta cidade não é assim tão grande. Porque será que o Flem ainda não os apanhou?»

«Porque não quer», respondeu o Ratliff. «Porque inda não precisa.»

Depois ficámos a saber que a cidade — o presidente da Câmara, o Conselho Municipal, quem o tinha feito e como — havia criado o cargo de superintendente da central elétrica e nomeado o Flem para o desempenhar.

À noite o Senhor Harker, o antigo mecânico da serração, era quem punha a funcionar a central elétrica, com a ajuda do Turl Beauchamp da Tomey, o fogueiro negro, que acendia o lume às caldeiras enquanto o Senhor Harker ficava a vigiar os manómetros, coisa que o Turl da Tomey não sabia ou não queria fazer, recusando-se simplesmente, segundo parecia, a levar a sério qualquer relação entre a fornalha por baixo da caldeira e o pequeno mostrador de relógio enfarruscado que nem mostrava as horas nem nada, por cima dela. Durante o dia, o outro fogueiro negro, o Tom Tom Bird, ficava sozinho na central, aparecendo o Senhor Buffaloe por lá de vez em quando, por mera rotina, pois o Tom Tom não só acendia o lume às caldeiras como era tão competente como o Senhor Buffaloe ou o Senhor Harker para ler os manómetros e manter os níveis de vapor estáveis e os

dínamos limpos e lubrificados: um esquema plenamente satisfatório, uma vez que o Senhor Harker já tinha idade suficiente para não se importar de ficar no turno da noite ou, quem sabe, preferir até, e o Tom Tom — um homem possante como um touro, com os seus cem quilos de peso e os seus sessenta anos de idade, mas que mais parecia ter quarenta, e que estava casado há cerca de dois anos com a sua quarta mulher, uma jovem que ele mantinha com a ciosa e rígida reclusão de um turco numa cabana junto à linha férrea a cerca de três quilómetros da central elétrica — recusava-se a considerar sequer qualquer horário que não fosse diurno. Se bem que na altura em que o primo Gowan entrou para o turno da noite do Senhor Harker, o Senhor Snopes já tivesse aprendido a ler os manómetros e até a encher os depósitos de lubrificante.

Isto foi cerca de dois anos antes de ele se tornar superintendente. O Gowan tinha decidido entrar para a equipa de futebol americano nesse outono e teve a ideia, acho que nem ele sabia de onde a tirara, de que passar a noite a atirar pazadas de carvão para dentro de uma fornalha numa central elétrica seria o treino ideal para melhor placar os adversários ou para se esquivar deles. Mas a mãe e o pai não eram dessa opinião até o tio Gavin dar uma ajuda. (Ele tinha agora o seu mestrado de Harvard, havia terminado o curso de Direito na Universidade do Mississípi e passado o exame final, e o meu avô estava na pré-reforma e o tio Gavin é que era agora realmente o procurador da cidade; há um ano que assim era — isto passou-se em junho e ele acabara de regressar da universidade e ainda não tinha visto a Senhora Snopes nesse verão — desde que havia elegido Heidelberga como tema privilegiado de conversa.)

«Porque não? O Gowan tem quase treze anos; está na hora de começar a passar a noite fora de casa. E que melhor lugar pode haver do que a central elétrica, onde o Senhor Harker e o fogueiro podem mantê-lo acordado?»

Assim, o Gowan iniciou o trabalho como ajudante do Turl da Tomey e o Senhor Harker começou logo a mantê-lo acordado contando-lhe a história do Senhor Snopes, falando dele com o mesmo amoral deslumbramento com que contaríamos como tínhamos assistido à colisão de um

planeta. Segundo o Senhor Harker, tudo começara no ano anterior. Uma tarde, o Tom Tom tinha acabado de limpar a fornalha e estava sentado no corredor a fumar o seu cachimbo, com a pressão alta na caldeira e a válvula de segurança do meio a apitar, quando o Senhor Snopes entrou e ficou parado a mascar tabaco e a olhar para a válvula a apitar.

«Quanto pesa aquele apito?», perguntou.

«Se tá a falar daquela válvula, à volta de cinco quilos», respondeu o Tom Tom.

«Latão maciço?», perguntou o Senhor Snopes.

«Toda ela menos aquele buraquito por onde vomecê diz qu'apita», disse o Tom Tom. «E naquele dia foi tudo», afirmou o Senhor Harker; foi só passados dois meses que ele, o Senhor Harker, ao entrar uma noite de serviço, descobriu que as três válvulas de segurança tinham desaparecido das caldeiras e que os buracos estavam tapados com tampões de aço com dois centímetros e meio de espessura capazes de resistir a uma pressão de quinhentos quilos e o Turl da Tomey a atirar pazadas de carvão sem parar para as fornalhas porque ainda não tinha ouvido nenhuma válvula apitar.

«E na cabeça de qualquer das três caldeiras já se podia abrir um buraco com uma palhinha de fresco», disse o Senhor Harker. «Quando olhei para o manómetro da primeira caldeira achei que não ia viver tempo suficiente para chegar ao injetor.

«Por isso, quando finalmente consegui meter na cabeça do Turl da Tomey que cem naquele mostrador queria dizer não só que ele, Turl, ia perder o emprego, mas que ia perdê-lo de tal maneira que nunca mais ninguém ia encontrar nem o emprego, nem o Turl, consegui finalmente acalmar-me o suficiente para lhe perguntar para onde tinham ido as válvulas de segurança.

«O Senhor Snopes tirou-as», disse ele.

«Por que diabo?»

«Não sei. Só tou a dizer o que o Tom Tom me disse. Diz qu'ó Senhor Snopes diz qu'ó flutuador da válvula de segurança não pesa o suficiente. Diz qu'um dia o depósito vai deixar passar água, e por isso ele vai fixar as três válvulas de segurança ò flutuador pra ficar mais pesado.»